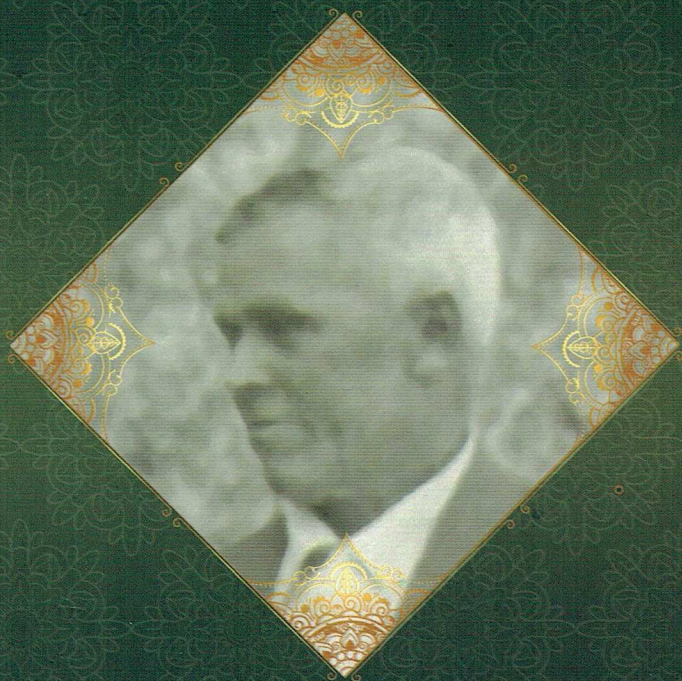




— IRMÃO SALESIANO —
ARLINDO MARTON
CARTA MORTUÁRIA

IRMÃO SALESIANO ARLINDO MARTON

HISTÓRICO:

Caninhas - Canas, Estado de São Paulo

A origem do município de Canas é precisamente o dia vinte e oito de junho de 1887, quando a primeira leva de imigrantes vindos da Itália desembarca no município de Lorena, em busca de melhores condições de vida. Os imigrantes italianos fixam residência inicialmente no núcleo de Caninhas. Ao chegarem ao Brasil, recebem propriedades territoriais doadas por decreto do Imperador Dom Pedro II, para que fossem desbravadas e exploradas. Estes lotes de terra praticamente virgens e inexplorados distavam cerca de catorze quilômetros do centro de Lorena. O primeiro núcleo da colônia possui o nome de Caninhas, hoje um bairro, com um grupinho de casas do município de Canas, com mais de 4.800 habitantes.

Além da lavoura de cana-de-açúcar, a crenolina, um tipo habitualmente mais fino do que as outras qualidades plantadas, cuja produção abastecia o Engenho Central de Lorena, plantavam para sua subsistência e de sua família, produtos como arroz, feijão, batata e vários tipos de verduras.

Com a falência do Engenho Central de Lorena, decretou-se praticamente o fim do monopólio da cultura da cana-de-açúcar na Colônia de Canas, o que obrigou os colonos a diversificarem a produção agrícola. Foi nessa época que começou a se sobressair o plantio de arroz, produto que mais tarde se tornaria o principal motor econômico da colônia.

Os primeiros imigrantes ao chegarem não encontraram uma terra já pronta para ser arada, mas sim, rincões selvagens que precisavam ser desbravados. Por causa disso, muitos não se adaptavam e acabavam por retornar à Itália, permanecendo somente aqueles já acostumados com as agruras de se manter uma lavoura. Alguns dos sobrenomes de famílias de imigrantes italianos que fixaram residência em Canas: Giordani, Bellini, Sacilotti, Favalli, Marton, Pazzini, Ligabo, Ultramari, Albarello, Guarisse, Bortolacci, Barsotti e Canetieri. Chegam também, depois, belgas e portugueses.

O senhor Luiz Marton e Luiza Matiuzzo Marton, pais do Ir. Arlindo Marton, eram agricultores. Emigraram da Itália para a colônia de Canas, no Estado de São Paulo, perto de Lorena, a 14km. Saíram da Itália em novembro de 1887 já com três filhos, Giovana Maria, Rosa Antonia e Maria Marton. No Brasil, em Canas, nascem Teodolinda, Romana, Arlindo, Vitória e Amábile que são gêmeas e João Antonio Marton. Eram nove irmãos. O senhor Arlindo é o sexto filho. Nasce, portanto em Canas – na época pertencente ao município de Lorena – no dia 1º de julho de 1894. Era uma tradicional família católica. Não havia igreja. As orações eram feitas na casa de um tal Antonio Groratan, mas nela todos iam com suas roupas de domingo. A primeira casa salesiana que frequentou foi o Colégio São Joaquim com 10 ou 12 anos.

Fez os estudos primários e concluiu em 1912 com excelentes notas, conseguindo o primeiro prêmio de trabalho. Pretendia exercer e exerceu a função de alfaiate.

No dia 12 de janeiro de 1913, fez o seu pedido para ingressar no noviciado: Este foi o seu pedido: *“Depois de três anos de aspirantado, peço-vos a licença para entrar no Noviciado da Congregação de São Francisco de Sales. O fim que me leva a entrar nesta Congregação é a vontade de adiantar-me cada vez mais na virtude, viver santamente e principalmente salvar a minha alma e ajudar os outros, com todas as minhas forças, para assim, mais eficazmente trabalhar na obra de Dom Bosco”*.

Foi admitido ao Noviciado e em 16 de janeiro do mesmo ano, o padre Inspetor, P. Pedro Rota o apresentou ao seu mestre, Padre Leão Muzarelli como Noviço Salesiano Irmão. Naquele ano – 1913 – os noviços eram 21. Doze candidatos a Salesianos Irmãos e 9 candidatos ao presbiterado. O noviciado foi na Escola Agrícola Cel. José Vicente – onde hoje é o Pós-Noviciado e o Oratório São Luiz. O noviciado funcionou na Escola Agrícola de 1908 a 1917. De 1908 a 1913, o diretor e mestre foi o padre Leão Muzzarelli, e de 1914 a 1916, o diretor e mestre era o padre Antonio de Almeida Lustosa, hoje Servo de Deus.

No final do noviciado escreve para seu diretor e mestre: *“Tendo concluído o meu tempo de Noviciado e desejando muito pertencer à Congregação Salesiana, venho humildemente pedir a V. Rev.ma o favor de ser admitido a fazer a minha profissão trienal. Esperando alcançar o favor que peço, desde já agradeço. Sou de V. Rev.ma humilde servidor. Arlindo Marton. Lorena, 19 de janeiro*

de 1915". Vejam que os pedidos para ingressar no noviciado e para fazer as Profissões Religiosas eram diretos, simples. Não era uma época; eram as convicções que dirigiam o coração do candidato à vida Religiosa Salesiana em vista da salvação da própria alma através do trabalho apostólico entre os nossos destinatários.

A primeira Profissão Religiosa trienal foi no dia 26 de janeiro de 1915. Em 1918, assim escreve: *"Lorena, 26 de janeiro de 1918. Rev.^{mo} Sr. P. Diretor. Tendo refletido muito nestes dias do Santo Retiro e depois de ter-me consultado em algumas dúvidas, decidi-me fazer os Santos Votos por mais três anos. Para tal fim, venho, com esta carta, pedir a V. Rev.^{ma} esta especial licença. Esperando ser atendido, me professo de V. Rev.^{ma} Irmão em Jesus Cristo, Arlindo Marton"*.

A segunda Profissão Religiosa, também trienal, foi no dia 28 de janeiro de 1918, e a Profissão Perpétua foi dia 28 de janeiro de 1921, em Lavrinhas.

Depois de sua primeira Profissão Religiosa, o senhor Arlindo continuou na Escola Agrícola, aperfeiçoando-se no seu ofício de alfaiate, mas dedicando-se também à agricultura, de 1915 a 1918. A alfaiataria tinha muito que fazer. Eram enormes as turmas de noviços e pós-noviços que precisavam de batinas, ternos e consertos de roupas o ano todo. A partir de 1919, vai dedicar-se unicamente à agricultura.

De 1919 a 1933, o vemos em Cachoeira do Campo, MG, onde tínhamos um grande internato e também Escola Agrícola. Escola Agrícola não era só puxar enxada, plantar, regar e

colher. Era fazer isso e ensinar os meninos em sala de aula o que iam fazer depois no campo: sementes, qualidades e tipos de sementes, preparo da terra, o adubo, o plantio das mudas, o cuidado diário do que se plantou, tempo certo para plantar, tempo certo para colher e a espera da mãe natureza terra. Além disso, o exemplo do mestre era tudo. O senhor Arlindo era um salesiano no meio dos meninos, característica que o acompanhará até à morte, e os meninos viam seu mestre na capela, na prática devota da piedade, do terço na mão, da confissão semanal, da comunhão diária.

O senhor Arlindo lembrava com saudades daqueles tempos e orgulhava-se de ter sido o primeiro motorista – setembro de 1929 – tirando sua carteira de habilitação em toda a Inspetoria. Sua sobrinha, Maria Aparecida, escreve que o tio Arlindo trabalhou em muitos lugares, mas contava que em Cachoeira do Campo plantou muito eucalipto e, anos depois, quando a plantação já estava formada, ganhou de presente uma viagem para visitá-la e voltou contando maravilhas.

Em 1934, o senhor Arlindo Marton está em Campinas, no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. É uma obra salesiana muito grande com igreja pública, oratório diário, internato, ensino fundamental, ginásio, comercial e Escola Agrícola, e noviciado que aí funcionou de 1932 a 1934.

Em 1935, ele foi designado para Lavrinhas, aspirantado e estudantado filosófico, permanecendo até 1939. De 1940 a 1948, o vemos novamente em Cachoeira do Campo. Depois de dividida a Inspetoria, surgindo a Inspetoria São João Bosco ainda no final de 1947, permaneceu mais um ano em Ca-

choeira do Campo. No ano seguinte, de 1949 até 1953, ele trabalha em São Paulo no Externato Santa Teresinha, uma obra salesiana importante e grande com paróquia, oratório diário e externato para os cursos primário e ginásial.

O ano 1954, ano santo mariano (1854-1954), por motivo do centenário do dogma da Imaculada Conceição, ele o passa em Lavrinhas, o grande aspirantado. Em 1955, novamente o vemos na Escola Agrícola de Lorena, com os aspirantes do curso de admissão. Nos anos de 1956 e 1957, ele vive em São Paulo, no Liceu Coração de Jesus, verdadeira cidade dos meninos e jovens com oratório, curso ginásial e colegial, paróquia e faculdade, escolas profissionais para alfaiataria, tipografia, encadernação para internos e externos.

De 1958 até sua morte, estará em Lorena, no Colégio São Joaquim com oratório, santuário, internato e externato. Era notável sua presença no meio dos oratorianos durante toda a sua vida. “Penso (escreve sua sobrinha, Maria Aparecida Marton), que uma das características do tio Arlindo, era a de ser uma pessoa discreta, de poucas palavras, laboriosa; como dizia o padre Antonio Lages: ‘o Arlindo não é um intelectual, mas um homem muito laborioso, um homem do trabalho, sempre pronto a nos atender nos pequenos serviços’. Gostava de suas ferramentas e gostava de ver, na nossa casa, o local em que papai tinha suas ferramentas. Enfim, tio Arlindo amava os salesianos, a Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora”. E D^a Maria Aparecida continua: “Visitava a família nas férias, mas passava poucos dias. Em 1963, permaneceu mais tempo, pois neste período estive em Salto Grande, no sul do Estado de São Paulo, para visitar o esposo e filhos de sua irmã, Maria, já

falecida. Não foi só, mas com o sobrinho João Nery e a esposa, Neusa. Era uma pessoa discreta, mas não era alienado. Se interessava por tudo ao seu redor, observava os sobrinhos netos, garotos em suas brincadeiras, conversava com sua irmã, a tia Romana, lia a Folha de São Paulo e o Estadão.

Quem não conhece Lorena e as célebres mangueiras centenárias da Escola Agrícola de Lorena? Pois, o senhor Arlindo colhia belas mangas caídas no chão, enchia um carrinho – a gente chamava de peruzinho – descia toda a Rua Cel. José Vicente devagar – às vezes parando para conversar, descansar – e ficava no portão de saída do Oratório que era no São Joaquim, junto do santuário São Benedito, e aí, com alegria toda especial, via as mangas que saíam e a alegria dos oratorianos que iam para suas casas. Isso eu vi várias vezes.

E você vê quais marcas de alegria e satisfação o senhor Arlindo deixava para crianças e jovens? Sua presença, sua palavra, sua autenticidade como religioso educador salesiano altamente realizado!

Outras duas características suas que merecem ser destacadas são a simplicidade e a pobreza. Nunca recusou nenhum trabalho como “fac totum” da casa, atento a todos os pormenores de uma casa tão complexa como o São Joaquim e com tantos alunos, sempre necessitada de pequenos reparos e conservação.

Outra característica sua: ser fidelíssimo às práticas de piedade, transbordava alegria e salesianidade com sua presença educativa entre os alunos e oratorianos.

Em julho de 1968, passou as férias de julho na casa de papai, continua sua sobrinha. O padre Claudio Nardelli (padre Tarzan), catequista do Colégio, relutou em deixá-lo ir, pois dizia que o titio estava fragilizado, e não era justo nós cuidarmos dele. Convenci-o a deixá-lo ir. O padre Tarzan ia toda tarde a Canas para visitá-lo. Tio Arlindo passou muito bem esses trinta dias, pois conversava com os irmãos mais próximos, papai e tia Romana, os sobrinhos já adultos e observava os garotos, sobrinhos netos... Passou esse tempo muito bem, autônomo, independente, cuidando de si mesmo. Eu supervisionava a sua medicação. São palavras de sua sobrinha: “Suas últimas férias as passou com a família.

Em dezembro, foi internado na Santa Casa de Lorena... Minha irmã, Nina, foi visitá-lo, e depois foi a Canas para avisar a família. Disse que o tio não estava bem. Era o dia 18 de dezembro de 1968. Deixei os meus afazeres e fui para o hospital. Lá estavam o padre Manoel Isaú (conselheiro escolar do São Joaquim) e o padre diretor (Hugo Gaurneri). Eles ficaram no corredor e eu entrei para conversar com meu tio. perguntou de papai, dos meus irmãos... disse-me *‘como o tempo está custando para passar’*. Neste momento, teve uma espécie de convulsão; saí e disse ao padre Isaú e ao padre diretor, o tio está morrendo... fui correndo chamar o pessoal médico; chegaram médicos e enfermeiros, fizeram massagens com aparelhos, mas o tio Arlindo tinha partido para o céu. A partir desse dia, embora ame a vida, perdi o medo de morrer”.

Por isso é que na crônica do Colégio São Joaquim, encontramos este texto: 18 de dezembro de 1968: “Após alguns dias de internamento na Santa Casa local, falece o Sr. Coad.

Arlindo Marton, aos 74 anos de idade. Foi velado na sala de visitas até o dia seguinte por parentes e salesianos. Às 10h do dia 19, houve missa concelebrada, estando presentes o padre Antonio Pazini, padre Antonio Corso, padre Antonio Sarto, padre Narciso Ferreira, padre Hugo Guarnieri, padre Vitorio Perini, padre Manuel Isaú, padre Antonio Lages. Em seguida, houve o enterro, muito concorrido. Foi sepultado no jazigo dos Salesianos no Cemitério Municipal de Lorena. O Sr. Arlindo estava no São Joaquim desde 1958, onde prestou inestimáveis serviços”.

Numa das vezes que foi acometido de forte crise, redigiu com mão trêmula um bilhete pedindo um terno preto, se viver, senão servirá para o meu enterro. Recuperou-se. Mas muito em breve, o terno foi usado para a sua última finalidade. Faleceu assistido por seminaristas e familiares.

Caros irmãos, a morte de um religioso está diretamente ligada à sua consagração religiosa. Em base à consagração baptismal, ele, com efeito, no dia da profissão, “ofereceu-se totalmente a Deus” e ao seu serviço, empenhando-se a ser fiel até a morte. Agora, na última etapa de sua fidelidade, ele é convidado a dar ainda a Deus a prova extrema de amor e de abandono filial: é a *realização suprema*, o último *Sim, Pai! O tudo está consumado*.

Dom Bosco muito falou da morte aos seus salesianos e aos seus jovens. Realisticamente, os “exercitava” cada mês para a “boa morte”, ensinando-lhes a morrer para o pecado, para estarem prontos para um dia acolher a morte na alegria da amizade divina.

Nós que aqui na terra ficamos, vamos rezar mais intensamente pelas vocações religiosas, diocesanas e salesianas.

Mas vamos recordar o sonho de Dom Bosco de 10 de abril de 1886. Foi um sonho missionário. Ele contou ao padre Rua, padre Branda e Viglietti, com voz interrompida de soluços. Dom Bosco se encontrava nas vizinhanças de Castelnuovo. Dom Bosco viu um grande número de meninos e não sabia o que queriam dele. Viu também um imenso rebanho de cordeiros guiados por uma pastorinha – o sonho é longo...

Bem, o que você vê? Leiam o que está escrito. Vejo montanhas, depois o mar, depois colinas e de novo montanhas e mares. Leio Valparaíso, dizia um menino. Eu leio Santiago, dizia outro. Eu leio as duas coisas, dizia um terceiro. Pois bem, continua a pastorinha: parta agora daquele ponto e terá a norma de quanto os salesianos deverão fazer para o futuro. Vote-se agora para a outra parte, trace uma linha visual e olhe.

Vejo montanhas, colinas e mares! E os jovens aguçavam o olhar e exclamaram em coro: Lemos Pequim.

Pois bem, disse a moça que parecia mestra deles, agora trace uma linha de uma extremidade a outra, de Pequim a Santiago. Faça nela um centro no meio da África e terá uma ideia exata de quanto devem fazer os salesianos.

Mas como fazer tudo isso? As distâncias são imensas? Os lugares são difíceis e os salesianos são poucos? Não se perturbe: seus filhos farão isso, os filhos de seus filhos e dos filhos deles, mas devem ficar na observância das regras e no espírito da

Pia Sociedade. Venha aqui e veja. Vê lá cinquenta missionários prontos? Mais para lá vê outros e outros ainda? Trace uma linha de Santiago ao centro da África. O que você vê? Vejo dez centros de parada. Pois bem, esses centros que você vê, formarão estudantado e noviciado e darão uma multidão de missionários para prover a estas regiões.

Esta linha passa pelo Brasil, justamente nesta nossa Inspeção e precisamente no Vale do Paraíba. E daqui saíram salesianos: de São Paulo, de Jacareí, de São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, Taubaté, Campos do Jordão, de Pindamonhangaba, de Aparecida, de Cunha, de Lorena, de Silveiras, de Canas, de Cruzeiro, de Queluz, de Areias. E você pode completar a lista.

Já são vários os salesianos que saíram daquelas terras de Caninhas e Canas: P. Pedro Saciloti, mártir, trucidado pelos Xavante no dia 1º de novembro de 1934, com 36 anos, no Rio das Mortes, juntamente com o seu colega de missões, o suíço P. João Fuchs, com 54 anos; os irmãos Antonio e Geraldo Pazzini, o Irmão Arlindo Marton e tantos outros que de Lorena são reflexo da piedade e dos testemunhos daquelas famílias da Canas. Deus nos abençoe com o dom de inúmeras, santas e perseverantes vocações.

São Paulo, 20 de outubro de 2017



A handwritten signature in dark ink, appearing to be "Paulo", written over a light blue horizontal line.

DADOS PARA O NEGROLÓGIO

Ir. ARLINDO MARTON

* 1º de julho de 1894 em Canas - SP

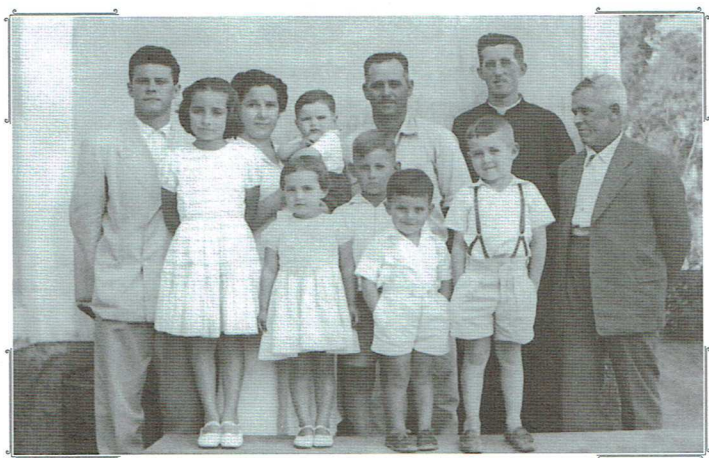
† 18 de dezembro de 1968 em Lorena – SP

Faleceu há 49 anos aos 74 anos de idade e
com 53 anos de vida religiosa salesiana

Nascimento	Canas – SP	18/02/1894
1º Colégio Salesiano	Colégio São Joaquim	16/01/1911
Noviciado	Lorena, Escola Agrícola	16/01/1913
Primeira Profissão Religiosa	Lorena – Trienal	26/01/1914
Segunda Profissão Religiosa	Lorena – Trienal	25/01/1918
Profissão Perpétua	Lavrinhas	28/01/1921
1915-1918	Lorena, Escola Agrícola	Alfaiate e Agricultor
1919-1933	Cachoeira do Campo (MG)	Agricultor
1934	Campinas – Liceu	Agricultor
1935-1939	Lavrinhas	Agricultor
1940-1948	Cachoeira do Campo (MG)	Agricultor
1949-1953	São Paulo – Sta. Teresinha	Oratório, Assistente
1954	Lavrinhas	Oratório, Agricultor
1955	Lorena, Escola Agrícola	Agricultor
1956-1957	S. Paulo – Liceu C. de Jesus	Fac totum
1958-1968	Lorena, Colégio S. Joaquim	Oratório e fac totum



Luiza Matiuzzo Marton e Luiz Marton
(pais do Ir. Arlindo Marton)



Ir. Arlindo Marton (primeiro da direita para a esquerda)
e familiares.